

Diferentes abordagens sobre mudanças climáticas em mídias televisivas: posicionamentos de estudantes do Ensino Médio de uma escola estadual de São Paulo

Mariana Tambellini Faustino

Introdução

A televisão ainda é o meio de comunicação mais acessível no Brasil e no mundo e continua sendo a campeã de audiência entre o público jovem. É também estimado que a televisão ocupa pelo menos o mesmo tempo que a sala de aula no cotidiano da maioria das crianças e jovens brasileiros (BELLONI, 2010).

Hoje em dia, através da internet, ficou ainda mais fácil acessar um programa, uma reportagem ou uma cena de novela exibida na televisão, pois os próprios websites das emissoras disponibilizam totalmente ou parcialmente seus conteúdos online.

De acordo com a pesquisa TIC Kids online Brasil 2014, 31% das crianças e jovens entre 9 e 17 anos utilizam a internet para assistir programas de televisão, séries e filmes online. Além disso, a internet também é utilizada para fazer trabalhos escolares, assistir vídeos, baixar músicas e ler notícias, como é possível verificar no gráfico da figura 1.

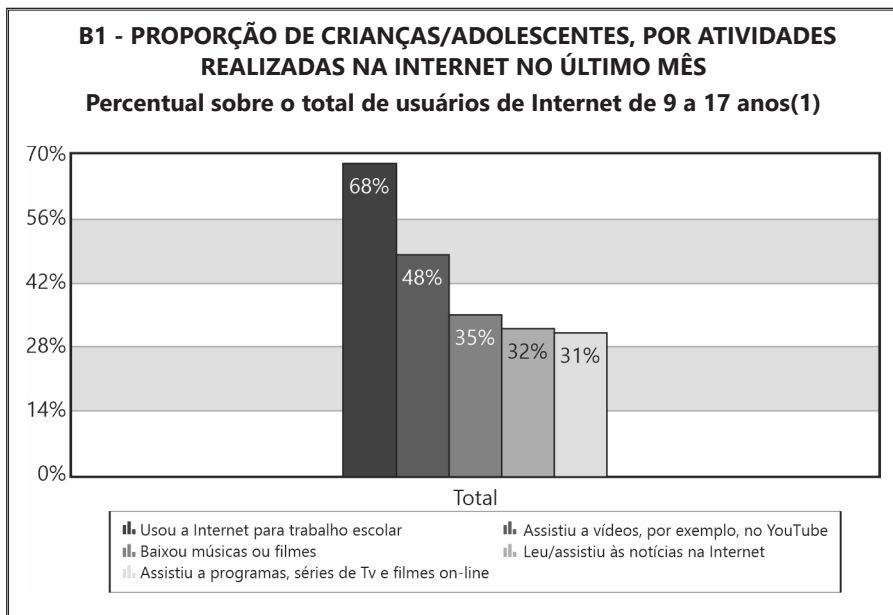


Figura 1: Atividades realizadas na internet por jovens de 9 a 17 anos
Fonte: Núcleo de informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br)

A tecnologia se torna uma aliada do educador interessado em sintonizar-se com o novo contexto cultural vivido pela juventude (SOARES, 2011). Os novos educadores devem ser capazes de compreender que existe uma nova cultura juvenil em formação e enxergar nela novas e interessantes possibilidades de fazer uma nova aula e uma nova escola (BARBERO, 1996 *apud* SOARES, 2011).

Por sua vez, o uso de programas televisivos na escola é de especial importância para as próprias relações entre alunos, professor e con-

teúdos ministrados. A televisão trata-se de uma cultura comum e compartilhada entre professor e alunos, dessa maneira, o seu uso na escola possibilita uma aproximação entre instrução e vida cotidiana, entre a cultura erudita do professor e a cultura midiática do estudante (COSTA, 2013).

Entretanto, Marandino, Selles e Ferreira (2009) alertam que a cultura escolar e os próprios interesses educativos dão um novo significado às mídias e, portanto, seu uso nesse contexto requer um processo de recontextualização. Muitas mídias veiculadas nos meios de comunicação de massa são produzidas visando o entretenimento dos espectadores, dessa forma, recontextualizar uma mídia é readequá-la para o uso educativo, de acordo com os objetivos pedagógicos planejados para a atividade em questão.

São muitas as contribuições de se trabalhar com as mídias em sala de aula e tais atividades atingem tanto professores como alunos. Becker e Pinheiro Filho (2011), por exemplo, afirmam que por meio da leitura crítica do texto audiovisual os sujeitos têm possibilidades de ampliar sua compreensão sobre o processo de midiaticização, reconhecer as mídias como instituições produtoras de sentidos sobre a realidade social e construir suas próprias percepções sobre os meios e a televisão.

Apesar da potencialidade de se trabalhar com tecnologias e mídias nas escolas, esse ainda é um trabalho pouco estimulado no ambiente educativo. A pesquisa TIC Educação 2014 mostra que 92% dos professores que utilizam a internet como fonte para obtenção de recursos didáticos alegam fazerem isso por motivação própria¹. Dentro desse mesmo grupo de professores, 52% baixam programas

1 Fonte: Núcleo de informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br)

educativos da televisão para utilizarem em sala de aula, como mostra o gráfico da figura 2.

Detjen (1995) já apontava que o papel das mídias no ensino de ciências era importante, porque a maioria dos conhecimentos das pessoas sobre o meio ambiente é proveniente dos jornais, revistas, rádio e televisão. O Ministério do Meio Ambiente também atribui às mídias um papel muito grande na divulgação de temáticas como mudanças climáticas e o aquecimento global na sociedade brasileira (Brasil, 2013).

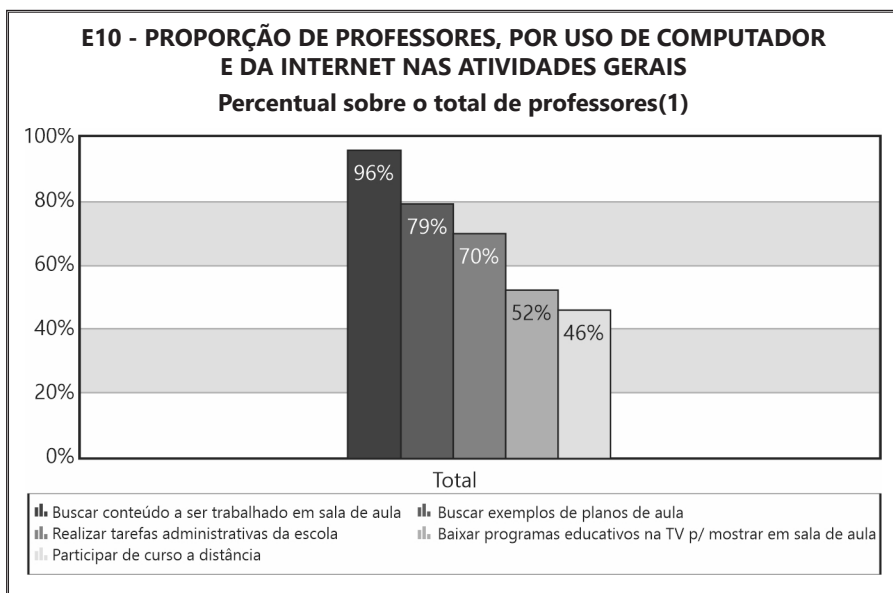


Figura 2: Atividades desenvolvidas por professores na internet
Fonte: Núcleo de informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br)

Tendo em vista a relevância e potencialidade de se trabalhar com as mídias televisivas na escola, visando promover uma aproximação da cultura escolar com a cultura infanto-juvenil e estabelecer relações entre o cotidiano com o conhecimento científico, principalmente sobre as temáticas ambientais, a questão desta investigação foi: como

estudantes do Ensino Médio analisam e se posicionam em relação a duas mídias televisivas com abordagens diferentes sobre as mudanças climáticas?

Metodologia

A presente investigação foi realizada com alunos que cursavam o 1º ano do Ensino Médio em uma escola estadual localizada na zona leste da cidade de São Paulo – SP. A coleta de dados aconteceu em setembro de 2015, durante uma sequência didática sobre efeito estufa e aquecimento global ministradas pela professora de Biologia desta unidade escolar e autora deste capítulo.

A sequência didática consistiu inicialmente em duas aulas expositivas dialogadas sobre efeito estufa e aquecimento global, com posterior exibição de dois vídeos sobre o assunto: uma reportagem do Programa Fantástico², exibida originalmente em outubro de 2010, e uma entrevista com o professor Ricardo Felício na Programa do Jô Soares³, exibida em maio de 2012.

Os dois vídeos apresentavam visões diferentes sobre as mudanças climáticas e mais especificamente, sobre o aquecimento global. Na reportagem exibida no programa Fantástico, são mostradas as geleiras da Groelândia derretendo e blocos de gelo se desprendendo e caindo no mar, enquanto a repórter narra os eventos causados pelo aquecimento global. Já na entrevista, o professor Ricardo Felício contesta a visão catastrófica do efeito estufa, informando que é um fenômeno natural da Terra e que as ações do homem não alteram o clima global.

2 Video disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NMJvKkVd9yl>
Acesso em: 15 abr. 2020.

3 Video disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fB9vwN-Ckxl>
Acesso em: 15 abr. 2020.

Após a exibição, os alunos discutiram as duas visões defendidas por cada um dos vídeos e tiveram que produzir como tarefa um artigo de opinião, fundamentado em suas impressões pessoais, concepções sobre o assunto e possíveis posicionamentos.

Utilizamos como metodologia a análise de conteúdo de Bardin (1977). Toda análise de conteúdo concretiza-se a partir de um conjunto de documentos denominado *corpus*. Foram coletados trinta e cinco artigos de opinião dos quais nove foram desconsiderados pois não atingiram o objetivo de indicar as opiniões pessoais sobre os vídeos. Dessa forma, o *corpus* desta investigação foi composto por vinte e seis artigos de opinião elaborados pelos estudantes.

Para análise das unidades selecionadas do *corpus*, foram estabelecidas algumas categorias. Neste estudo utilizamos as categorias emergentes, provenientes da análise do material da pesquisa. A seguir estão expostas as categorias utilizadas, os resultados e a discussão desta investigação.

Resultados e discussão

Após a leitura e análise preliminar dos vinte e seis artigos de opinião, foram selecionadas quarenta e oito unidades de análise (u.a). Inicialmente, separamos as unidades de análise em três grupos: 1. opiniões sobre a reportagem do programa Fantástico; 2. opiniões sobre a entrevista no Programa do Jô Soares, e 3. posicionamento dos estudantes. Após a etapa de desconstrução, categorizamos as unidades de análise dentro dos grupos pré-estabelecidos. As categorias e subcategorias, bem como exemplos de unidades de análise de cada um dos três grupos acima descritos podem ser observadas a seguir, nas figuras 2, 3 e 4, respectivamente.

REPORTAGEM DO FANTÁSTICO
Categoria A. Sensacionalismo/exagero (17 u.a.)
<p>"Claro que a emissora globo exagerou falando algumas coisas como quando o grande pedaço de gelo cai na água e eles falam que causou um mini tsunami." (A1)</p> <p>"A reportagem que mostrou algo preocupante sobre o derretimento das geleiras, achei muito sensacionalista da parte deles, foi feita para chocar de alguma forma os telespectadores." (A2)</p>
Subcategoria A.i. Visão Positiva (4 u.a.)
<p>"Então, não se preocupe muito não, por que alguns jornalistas exageraram um pouco nas informações que dão para a gente, para nos assustar um pouco, para nós termos um pouco de consciência que está acontecendo no mundo." (A.i1)</p>
Categoria B. Artifícios da mídia (3 u.a.)
<p>"Outra coisa que achei legal e ao mesmo tempo assustador que tem um pedaço de geleira que derrete e cai do tamanho de um ônibus." (B1)</p> <p>"O som das geleiras caindo me assusta." (B2)</p>

Figura 2. Quadro com categorias, subcategorias e exemplos de unidades de análise referentes à reportagem exibida no programa Fantástico

ENTREVISTA DO PROGRAMA DO JÔ SOARES
Categoria C. Descrédito no entrevistado (8 u.a.)
<p>"Na entrevista do programa do Jô eu gostei de algumas partes mas não concordo muito com o moço, porque ele mostrou uma ideia de que não precisamos nos preocupar tanto, que não precisamos cuidar do ambiente que nós moramos." (C1)</p> <p>"Não acreditei em nenhuma das coisas que esse professor falou, existem dezenas de estudos e opiniões de vários cientistas, provando que o nível do mar vem subindo, mudanças climáticas e vem ele e fala que não está acontecendo nada... então discordo do que ele falou." (C2)</p>
Subcategoria C.i – Concepções erradas (2 u.a.)
<p>"Uma pergunta que o Jô falou sobre a Amazônia ser o pulmão do mundo, o entrevistado falou que nunca foi, aí fica a dúvida porque boa parte dos animais vivem lá e é nossa beleza natural. Se queimar tudo iria destruir tudo, para mim a Amazônia é sim o pulmão do mundo." (C.i1)</p>

Categoria D. Postura inadequada do entrevistado (4 u.a.)
"Parece que não existia coerência no que ele fala e parece que ele fala debochado." (D1)
"Devido ao assunto tratado, acredito que ele deveria ter sido um pouco mais sério e firme, como quem passa um alerta." (D2)

Figura 3. Quadro com categorias, subcategorias e exemplos de unidades de análise referentes à entrevista exibida no Programa do Jô

POSICIONAMENTO DOS ESTUDANTES
Categoria E. Visão tendendo para a reportagem do Fantástico (4 u.a.)
"Eu particularmente acredito que o aquecimento global exista e que somos os principais culpados" (E1)
Categoria F. Visão mesclada (8 u.a.)
"Particularmente penso que, as duas visões tem suas verdades e não me levo a tendenciar a só um lado." (F1)
Categoria G. Visão tendendo para a entrevista do Programa do Jô (3 u.a.)
"...o pensamento desse professor, a respeito do aquecimento global, é que é "conversa para boi dormir"... e eu de fato concordo com ele porque ele ter argumentos para eu ficar em paz." (G1)

Figura 4. Quadro com categorias e exemplos de unidades de análise referentes ao posicionamento dos estudantes

Opiniões sobre a reportagem do programa Fantástico

Dezessete alunos avaliaram a reportagem exibida no programa Fantástico como sensacionalista. Acharam que o derretimento das geleiras é preocupante e real, porém consideraram muito exagero associar o tamanho do bloco de gelo que se desprendeu da calota com a altura dos prédios do Congresso Nacional e também com a fala da repórter sobre a queda do gelo no mar proporcionar um mini-tsunami. Eles também destacaram que a reportagem foi feita com a intenção de chocar ou produzir algum efeito nos telespectadores.

Grande maioria dos alunos viram esse sensacionalismo como algo negativo, porém em quatro artigos de opinião foram selecionadas unidades de análise que mostravam um possível lado positivo para esses exageros, sendo eles aliados para a conscientização dos telespectadores quanto à preservação do meio ambiente.

Três alunos destacaram em seus artigos de opinião alguns artifícios que a reportagem do programa Fantástico utilizou para chamar a atenção dos telespectadores, entre eles as imagens comparando o tamanho do bloco de gelo com o congresso nacional, bem como a fala da repórter associando outro bloco de gelo com o tamanho de um ônibus e os estrondos do gelo quebrando, que ficam mais altos em determinado momento da reportagem. De acordo com as alegações dos alunos, esses artifícios provocaram interesse e também medo.

Opiniões sobre a entrevista no programa do Jô Soares

Cinco alunos demonstraram descrédito no professor entrevistado no Programa do Jô Soares. Eles alegaram em seus artigos de opinião que o entrevistado não teve uma postura adequada e não concordaram com algumas das informações mencionadas por ele, já que suas ações e falas poderiam levar as pessoas a interpretar que não é de extrema importância a preocupação com o meio ambiente. Em dois casos, os alunos desconsideraram totalmente a fala do professor e acabaram elaborando concepções erradas sobre suas falas.

Um dos casos aconteceu quando o professor mencionou que a Floresta Amazônica não era o pulmão do planeta Terra, sendo esse um acontecimento já considerado a tempos pela ciência como mito, mesmo assim, um dos estudantes não acreditou no professor e escreveu em seu artigo de opinião que ainda acredita que a Floresta Amazônica é o pulmão do planeta. Em um outro caso, um aluno acabou sugerindo que o professor entrevistado possuía uma postura que incentivava o desmatamento das florestas, quando na realidade o entrevistado

chamou a atenção de que nada justificava o desmatamento. Essas atitudes indicam que a maneira que o professor Ricardo Felício abordou o assunto não cativou os estudantes e uma consequência negativa disso foi o fato dos estudantes já tomarem como mentira o que o professor estava dizendo, antes mesmo de formarem uma opinião mais concreta sobre o assunto.

Quatro estudantes não acharam adequada a postura do professor ao participar da entrevista, pois ele tratava um assunto considerado pelos alunos como sério e preocupante, de forma tranquila, alegre, com risadas e deboches. Um dos alunos sugeriu que ele deveria ser mais firme em suas falas, para alertar ao invés de tranquilizar.

Posicionamentos dos estudantes

Quatro estudantes se posicionaram a favor da reportagem do Fantástico, uma vez que acreditam que o aquecimento global exista e que suas consequências são reais, como o degelo das geleiras e o aumento do nível do mar. Além disso, consideram o homem culpado pela intensificação do efeito estufa na Terra.

Oito estudantes não escolheram um vídeo especificamente pois acreditam que ambos carregam verdades e alguns exageros. Imaginam que uma versão mais próxima da realidade seria uma mescla das informações cedidas pela reportagem do Fantástico e alguns dos fatos observados pelo professor na entrevista do Programa do Jô Soares.

Apenas três alunos se posicionaram a favor da entrevista com o professor Ricardo Felício, em seus artigos de opinião. Eles relataram que as falas do professor eram coerentes e que ele se tratava de um especialista.

Ao refletirmos sobre as unidades de análise, verificamos que as categorias se relacionam fortemente, ou seja, não é possível avaliar um posicionamento de um estudante sem considerar as impressões do mesmo sobre a reportagem ou sobre a entrevista. Afinal, os estu-

dantes avaliaram muito mais do que apenas as falas da repórter e do professor. Ao assistir uma mídia televisiva, os espectadores são, de certa forma, influenciados pelos seus artifícios, como as imagens, as associações, os sons e a postura dos envolvidos.

Dez dos estudantes não se posicionaram. Nesses casos os artigos de opinião traziam informações mais descritivas sobre os vídeos, com poucas impressões pessoais e não chegaram a se aprofundar sobre qual dos vídeos/ideias se identificaram mais. Esse fato pode ter acontecido em decorrência de uma falha na compreensão sobre os objetivos da atividade, um propósito do próprio aluno ou até mesmo a ausência de uma opinião formada sobre o assunto. Nesse último caso, apenas um aluno registrou em seu artigo que ainda não possuía uma opinião consistente e preferiu não se posicionar, informando que os dois casos mereciam um tempo de estudo já que em sua opinião, ambos vídeos pareciam fazer sentido.

As diferentes visões abordadas pelas mídias televisivas utilizadas nesta investigação também existem no âmbito acadêmico. O Ministério do Meio Ambiente (MMA) caracteriza esse embate como “IPCC X Céticos”, ou seja, os pesquisadores que aceitam os dados oriundos do IPCC (Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas) contra os chamados Céticos do aquecimento global, os pesquisadores que simplesmente não acreditam que o planeta esteja passando por um processo de aquecimento ou alterações climáticas, ou que não responsabilizam os humanos por essas pequenas alterações (Brasil, 2013). Pode-se dizer que a reportagem do Fantástico tomou a visão mais amplamente divulgada pelas grandes mídias, a que considera os dados e projeções do IPCC e que associa o aumento da temperatura na Terra como consequência da ação humana. Já o professor Ricardo Felício teve uma postura mais cética ao responder as perguntas da entrevista.

De acordo com os resultados, oito estudantes consideraram que uma mescla das ideias divulgadas pelas mídias seria o ideal, já que muitos alegaram que para eles ambas visões traziam verdades e alguns exageros. Na teoria, essa mescla inexistente, pois não se tem um meio termo entre o aquecimento global existir ou não, porém através das unidades de análise percebemos que os alunos entenderam ambos os pontos de vista, entretanto não tinham conhecimento suficiente para apontar apenas uma visão como a mais coerente. É importante lembrar que os estudantes não precisariam chegar nesse consenso, afinal não o foi exigido durante a explicação da atividade, uma vez que a professora já imaginou que muitos não teriam o embasamento teórico necessário para tomar essa decisão.

Ficou bastante evidente que os alunos perceberam os artifícios utilizados pelo Fantástico e chamaram a reportagem de sensacionalista, ao mesmo tempo, também desgostaram da postura tranquila e risosa do professor que lhes transmitiu desconfiança. Ambos aspectos influenciaram muito em seus posicionamentos.

Mesmo dentre os sete estudantes que optaram por uma das mídias, nenhum conseguiu atingir um grau de argumentação que mostrasse que houve o interesse em se pesquisar mais sobre o assunto, portanto seus posicionamentos foram superficiais e em grande maioria apenas repetiram as ideias passadas nos vídeos.

Curiosamente, um estudante preferiu o discurso do professor na entrevista, pois enxergou nele um alívio para toda a visão catastrófica das geleiras derretendo, exibida na reportagem do Fantástico. Para ele, a visão do professor de que o homem pouco influencia no clima terrestre fez com que ele ficasse em paz. O grande problema dessa postura é que as palavras do professor podem ser mal interpretadas, levando a população a diminuir sua preocupação com o meio ambiente.

Apenas um estudante nitidamente procurou outras fontes e informou que na atividade havia faltado alguma mídia que mostrasse a visão dos ambientalistas, sugestão que consideramos bastante pertinente e, provavelmente, será acatada em uma próxima realização desta sequência didática.

Considerações finais

Esta investigação mostrou que mesmo um simples trabalho com mídias no ensino de Ciências já é capaz de trazer alguns avanços para a formação dos estudantes. Caldas (2006) pontua que são muitos os benefícios dessa ação, uma vez que os alunos podem realizar uma leitura mais crítica dos meios, podem respeitar à opinião divergente, se expressar melhor e com maior confiança, escrever melhor, conhecer o mundo em que vivem e exercitar sua cidadania.

Não alcançamos todas essas possibilidades neste único trabalho com mídias, porém avançamos quanto à percepção midiática dos alunos e à leitura crítica, principalmente no que tange os artifícios utilizados pela mídia para atrair, entreter e sensibilizar os espectadores.

Muitos estudantes consideravam o assunto mudanças climáticas como sério e que requer conscientização da população, por isso foi grande a indignação com a postura do professor durante a entrevista no programa do Jô Soares. Na opinião da maioria dos estudantes, o entrevistado foi bastante leviano sobre um assunto importante. Por outro lado, alguns estudantes preferiram tomar como correto o discurso do professor por considerá-lo um especialista. Identificamos que atributos como a falta de empatia e a formação acadêmica do entrevistado influenciaram na formação de opinião desses alunos.

Percebemos também que é preciso um embasamento teórico aprofundado para se discutir essa temática com argumentos consistentes, mas tendo em vista os resultados e levando em consideração que os

sujeitos desta investigação foram estudantes do 1º ano do Ensino Médio, é bastante promissora a continuidade de atividades utilizando mídias televisivas nos anos seguintes.

Por fim, concordamos com Belloni (2010), enfatizando que através das tecnologias, ao aproveitar as virtudes pedagógicas e de acesso ao conhecimento, os jovens se tornam mais criativos e competentes. Além disso, a informação das tecnologias podem ser meios muito efetivos de democratização da cultura e de melhoria da qualidade da educação, popularizando realmente seus benefícios.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, B., PINHEIRO FILHO, C.D.M. No estranho planeta dos seres audiovisuais: diálogos possíveis entre televisão e educação. *Famecos*. Porto Alegre, v.18, n.2, p. 490-506, 2011.

BELLONI, M. L. *Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudança*. Campinas: Papirus editora, 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Educação ambiental & mudanças climáticas: diálogo necessário num mundo em transição*. Brasília: Editora Movimento, 2013.

CALDAS, G. Mídia, Escola e Leitura crítica do mundo. *Educ. Soc.* v. 27 n. 94, p. 117-130, 2006.

COSTA, C. *Educação, imagem e mídias*. 2.ed – São Paulo: Cortez editora, 2013.

DETJEN, J. The medias' role in Science Education, the public is interested in News about Science and the environment. *BioScience* (Supplement) 1995.

MARANDINO, M., SELLES, S., SERRA, M. *Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes contextos*. São Paulo: Cortez, 2009.

CULTURA INFANTOJUVENIL NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO

Diferentes abordagens sobre mudanças climáticas em mídias televisivas...

SOARES, I. de O. *Educomunicação o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo-SP:Paulinas, 2011.

TIC Educação 2014. Disponível em <http://www.cetic.br/pesquisa/educacao> Acesso em: 02 jun. 2016.

TIC Kids online Brasil 2014. Disponível em <http://www.cetic.br/pesquisa/kids-online> Acesso em: 02 jun. 2016.

Sobre a autora

Mariana Tambellini Faustino - Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-graduação Interunidades em Ensino de Ciências (modalidade ensino de Biologia) da Universidade de São Paulo. Professora da E.E. Professora Ruth Cabral Troncarelli. Email: marianatf@alumni.usp.br